

EDITORIAL
EDITORIAL

Finitude e Morte: certezas negadas
Finitude and Death: certainties denied

Maria Helena Villas Bôas Concone

- Diga-me, Bartolomeu: o senhor está assim, fechado neste quarto, desde que soube que sua filha tinha morrido?
 - A gente não sabe nunca que um filho morreu. Há saberes que estão para além do entendimento.
 O homem entende a vida. Mas só os bichos entendem a morte.
 (Mia Couto. *Venenos de Deus, remédios do Diabo*. São Paulo (SP): Cia das Letras, 2008, p.168)



Como complemento à gravura de capa deste volume, incluímos aqui, como tributo a esse amor às árvores pela Maria Helena, um dos desenhos com que esta nossa querida antropóloga, nos encanta, enquanto em alguns momentos de silêncio durante as reuniões rabisca-os em qualquer suporte que tenha em mãos...

Os temas deste número da *Revista Kairós Gerontologia* pareciam determinados a submeter a publicação a pressões opostas: de um lado estavam os muitos textos e propostas de textos que nos chegavam de muitos autores e abordagens diversas, demandando mais que nunca o trabalho de colaboradores nos processos de avaliação; de outro, foram as nossas dificuldades (técnicas e de

pessoal para levar adiante e agilmente a empreitada) e as inevitáveis delongas. Se o afluxo de artigos mais que deixava claro o interesse e a oportunidade da proposta da revista, os atrasos involuntários pareciam confirmar a face de evitação/negação dos temas da finitude e da morte. De fato, nos parecia necessária a eleição desses temas para reflexão por razões óbvias, sobretudo quando envolvida num Mestrado em Gerontologia: a reflexão se faz tanto mais necessária quanto mais evitada; no caso de trabalho ou de relação (profissional ou pessoal) com muito idosos, com pessoas em estado terminal, ou com pessoas que enfrentam diagnósticos definitivos, a evitação talvez cause mais sofrimento que benefício aos envolvidos. O velho ditado “Em casa de enforcado não se fala em corda” pode ter suas justificativas, mas há que ter tato e bom senso; não é uma “mezinha” universal. Sempre me pareceu (não me coloco fora disso) que boa parte dos humanos se pensa imortal ou pelo menos não mortal (uma variante humana indeterminada), na medida em que a morte e o morrer são empurrados para o fundo do inconsciente só se impondo à consciência em situações extremas. A morte pode ser pensada intelectualmente, tornada objeto de especulação filosófica ou religiosa ou literária; transformada em objeto de investigação antropológica, sociológica ou outras; pode ser pensada em números ancorando questões epidemiológicas e análises populacionais; objetivada em recortes de gênero, classe, idade, etnia; especificada em causas e causas ligadas a cada um dos recortes acima. Enfim, somos capazes de pensar a morte “em si”, a dificuldade é pensar a morte “para si” - como já afirmei em outro número desta revista¹. Somos em tese... imortais, cada um de nós. Isso é bom, se nos permite quotidianamente viver, marcando os nossos compromissos para a semana, o mês, o ano, como senhores do tempo; mas é ruim, se nos impedir de viver intensamente dando o devido valor às pessoas, às relações, às coisas, aos compromissos, ao tempo.

Especulações pseudofilosóficas à parte, as questões deste número temático permitem múltiplos ângulos, científicos ou não científicos, envolvendo direitos (humanos, das mulheres, das minorias...) e desafiando a reflexão ética e a sua prática. Que os novos desafios éticos sejam enormes é inegável; basta lembrar os debates relacionados à eutanásia, distanásia, ortotonásia, morte cerebral, suicídio assistido, doação de órgãos, pesquisas com células-tronco, pesquisas com embriões, descarte de embriões, doações de esperma ou de óvulos, reprodução assistida, entre outras questões polêmicas; questões que opõem opiniões e saberes. Se, há alguns anos, a morte era constatada de modo aparentemente fácil – clinicamente - pela manifestação ou não de alguns sinais graças a um conhecimento que, de modo geral, podia ser partilhado entre especialistas e leigos, hoje tal constatação assume dificuldades insuspeitadas. Algumas das situações acima lembradas e das palavras que as definem mostram a complexidade e a clivagem de saberes. O mesmo se pode dizer

1 Concone, M.H.V.B. (2007, dez.). Medo de envelhecer ou de parecer? *Revista Kairós Gerontologia*, 10(2), pp. 19-44.

a respeito do início da vida quando entendimentos científicos e religiosos raramente concordam. Fim e começo envolvem representações humanamente complicadoras quando se introduz, por exemplo, a questão da alma. Por outro lado, é impossível hoje pensar o início da vida descolado do fim - doações de órgão ou implante de embriões, por exemplo, evocam a ligação fim/comoço; o mesmo se pode dizer de outro tema candente nos dias de hoje: não se pode negar que o envelhecimento populacional em si (isto é, as mudanças na distribuição etária na “pirâmide populacional”), está ligado à queda da natalidade. Outro desafio, este de caráter epistemológico, diz respeito ao reconhecimento da complexidade dos fenômenos e à necessidade de construir novos saberes inter, pluri ou transdisciplinares. De novo exemplificando, convencionou-se atribuir o aumento da expectativa de vida apenas às novas tecnologias médicas e medicamentosas, o que é sem dúvida uma simplificação; há mais fatores a serem considerados, desde informações sobre saneamento, acesso a alimentos, condições de vida e muitos outros que ainda não equacionamos. Vemos a tecnologia (produto cultural e histórico) criando novas realidades sociais. A queda da natalidade, por sua vez, está relacionada em larga medida a dois fatores: políticas de controle e entrada das mulheres no mercado de trabalho, fatores de ordem histórica e socioeconômica, gerando novas expectativas e modelos de família e de sociedade, com consequências de natureza diversa, inclusive de ordem biológica. Como se vê, justifica-se a referência aos múltiplos ângulos possíveis para análise de fenômenos diversos e, evidentemente, para os temas específicos desta edição, os quais mostram a densa interligação de fatores biogenéticos, sociais, culturais, psíquicos, econômicos, políticos e outros.

Como reforço dos argumentos acima, permitimo-nos tomar uma última referência quanto aos ângulos de reflexão possíveis dos fenômenos, mesmo se tomados no interior de um único campo; escolhemos o campo da Antropologia com o qual temos maior familiaridade.

Em ensaio de 2005, postado em site de uma Revista de Antropologia², as cientistas sociais norte-americanas Kaufman e Morgan (da Universidade da Califórnia e do Mount Holyoke College respectivamente) fizeram uma ampla revisão de trabalhos escritos em língua inglesa (mais de 200 textos analisados), produzidos a partir dos anos 90 do século XX e que faziam uma reflexão sobre “o começo e o fim da vida”. As pesquisadoras apontam que é já antigo, embora crescente, o interesse antropológico pelos temas da morte e da procriação/nascimento e sobre as categorias socialmente reconhecidas que definem suas fronteiras. Trabalhos etnográficos revelaram que o entendimento do “começo” e do “fim” da vida dependeria da forma de atribuição da individualidade e da sociabilidade (começo - construção da pessoa) e da aceitação da transformação de uma “pessoa

2 Kaufman, S.R., Morgan, L.M. (2005). The Anthropology of the Beginnings and Ends of Life. In: *Annu.Rev. Anthropol.*, 34, pp. 317-341. Recuperado em 21 setembro, 2010, de: www.annualreviews.org.

em outra coisa” (corpo, cadáver, não pessoa, espírito, ancestral etc.); tais processos seriam na maior parte das vezes culturalmente entendidos como provisórios. Formas culturais de ver o nascimento (reencarnação, ressurreição), bem como práticas de exumação e de dupla inumação mudam a visão eurocêntrica, linear e teleológica, evidenciando, por exemplo, uma perspectiva da vida como um continuum. Os trabalhos tradicionais da Antropologia, calcados na cultura e na busca de sentido ganharam nova extensão nos últimos anos, como apontam as autoras citadas, graças ao crescente interesse pela prática e a produção do conhecimento científico, com particular atenção à crescente biologização da vida política e privada e ao impacto de novas tecnologias nas concepções de começo e fim da vida (como vimos mais acima). Assim, a antropologia se move para os estudos da produção e dos efeitos culturais da biociência e da biocidadania, além de incorporar novos quadros interpretativos que se desenham ou se reforçam graças à perspectiva da biopolítica fundada no pensamento foucaultiano. Segundo as autoras, o moderno desenvolvimento tecnológico no campo da biomedicina, da biogenética e da chamada engenharia genética, desestabilizou as grandes teorias que ancoravam a nossa compreensão da vida, fossem elas teorias genealógicas, evolucionárias ou teleológicas. Apontam que há uma vasta literatura que traz contribuições analíticas que caracterizam a atenção da antropologia (e outras ciências afins) sobre o modo como as inovações rebatem sobre a “produção cultural de pessoas”, sobre a naturalização da vida e a emergência de novas formas de vida.

Este longo preâmbulo teve dupla intenção: evidenciar que este número aborda um pequeno, embora variado aspecto das questões relacionadas à morte e à finitude; segundo, evidenciar as amplas possibilidades de novos números abordando mais alguns dos desafios propostos pelos temas em pauta.

Como veremos, os artigos que apresentamos neste número são bastante diversos e nos vieram de espaços profissionais e Universidades diversas, incluindo reflexões, resultados de pesquisa (de campo ou bibliográfica) e ensaios. São também de densidade diversa, tendo sido propostos por pesquisadores sêniores e iniciantes, o que pode nos dar um mapeamento atual do envolvimento com os temas e apontar para uma visão prospectiva, de continuidade. Apesar da diversidade das abordagens deste número, pode-se, entretanto, traçar a preferência pelo estudo de representações (da velhice, da morte, da finitude) e dos modos de lidar com as perdas e com a certeza da finitude (superação da morte e da finitude pela via religiosa). A questão da viuvez e da eutanásia também aparece neste dossiê. Algumas abordagens enfatizam a necessidade de “enfrentar o tabu da morte”, em nome da dignidade, da saúde mental e da qualidade de vida.

Sem mais delongas, vamos à apresentação dos autores e temas deste exemplar:

1 - Es la vejez lo que se dice de ella?

Sandra Emma Carmona Valdés

A autora, professora da UNAM, Universidade Nacional Autónoma do México, Nuevo León, lembra que as mudanças e as transformações, em diferentes níveis e em diferentes esferas da população, contribuíram para a conformação de uma nova sociedade; neste panorama os avanços médico-científicos e tecnológicos permitiram um envelhecimento diferente do de épocas anteriores; as pessoas não só vivem mais, como vivem em melhores condições de saúde. Pergunta-se a autora se haveria também variações nas imagens sociais da velhice e se tais imagens correspondem aos adultos idosos atuais. Discute os estereótipos sociais da velhice e suas implicações individuais e socioculturais.

2 - El imaginário de los adultos mayores sobre la vida después de la muerte

Felipe R. Vasquez Palacios

O pesquisador do Centro de Investigaciones y Estudios sobre Antropología Social, também do México, propõe analisar o imaginário de adultos idosos pertencentes a diversas confissões cristãs (católicos, metodistas, adventistas e pentecostais) sobre a vida depois da morte. Dada a relação que os entrevistados estabeleciam entre as expressões do imaginário e a vida terrena, ele questiona sobre o papel desse imaginário na vida dessas pessoas e como ele dota a vida de sentido e a transforma.

3 - Celebração da morte no imaginário popular mexicano

Rafael Lopez Villaseñor e Maria Helena Villas Bôas Concone

Mexicano e recém-doutor em Ciências Sociais – Antropologia – pela PUC-SP, tendo sido orientando da segunda articulista, neste ensaio ambos se debruçam sobre as comemorações do dia dos Mortos no México. Temos aqui um modo *sui generis* de lidar com a morte quando os devotos a celebram com alegria, música, bebidas, orações, flores, comida e sorridentes caveiras de açúcar. Tais celebrações sincréticas representam no imaginário popular que os mortos “não morreram, mas passaram para um outro lado da vida”.

4 - A infinitude na religião: quando uma vida só não basta.

Eliane Garcia Rezende, Flamínia Manzano Moreira Lodovici e Maria Helena Villas Bôas Concone

As autoras (uma recém-doutora em Ciências Sociais – Antropologia – pela PUC-SP, uma linguista e uma antropóloga, ambas docentes e orientadoras do Programa de Gerontologia da PUC-SP, ora pensando sobre esta questão), trabalham com a noção da morte como um construto

sociocultural. Tomam como objeto de reflexão exemplares da literatura autodefinida “espírita” nos quais “espíritos desencarnados” contam a epopeia das suas muitas encarnações em busca de elevação espiritual. Desta perspectiva, a morte nada mais é que a passagem de um nível a outro, passagem que pode ser franqueada tantas vezes quanto necessário para o aprimoramento do espírito. Estes textos têm grande apelo para milhões de leitores em busca de sentido para a vida.

5 - A finitude na perspectiva do homem idoso: um estudo das representações sociais

Sandra Carolina Farias de Oliveira e Ludgleydson Fernandes de Araújo

Estes pesquisadores, a primeira da Universidade Federal da Paraíba, o segundo da Universidade de Granada (Espanha) e Universidade Federal do Piauí (UFPI), buscam as representações sobre a Morte entre homens idosos que contam de 61 a 90 anos. A representação recorrente é de uma morte sofrida. A expectativa dos autores é a de que a pesquisa possa subsidiar ações que beneficiem os idosos.

6 - Finitude, envelhecimento e subjetividade

Mariele Rodrigues Correa e Francisco Hashimoto

Os autores, docentes e pesquisadores da UNESP-Assis, fazem um breve percurso sobre a história da morte antes de mergulhar na análise da relação entre o homem e a morte e seus desdobramentos para a subjetividade e para o envelhecimento. Consideram que o afastamento da velhice e da morte torna-se fator de enfraquecimento da subjetividade; assim, incorporar tais aspectos como parte da existência são desafios para o pensamento e para a construção de si.

7 – Tempo, finitude, velhice e fotografia

Joana Sanchez Justo e José Sterza Justo

Estes pesquisadores, ela da Universidade do Oeste Paulista, em Presidente Prudente (SP) e ele, da UNESP-Assis (SP) – propõem um texto no qual analisam e discutem a experiência do tempo na velhice, tomando como suporte a relação dos participantes da investigação com a fotografia. O trabalho foi realizado em oficinas de fotografia, onde os idosos participantes exploravam o sentido de morte - congelamento, paralisação do tempo – no ato fotográfico e também o sentido de prospecção no ato de criação de imagem.

8 – O velho e a morte

Lucy Gomes Vianna, Altair Macedo Lahud Loureiro e Vicente Paulo Alves

Os pesquisadores da Universidade Católica de Brasília desenvolvem uma reflexão sobre a relação do Homem com a Morte, considerando que, não obstante a certeza do passamento, o medo

da morte “é talvez um dos mais profundos sentimentos humanos”. Apontam ainda que, numa sociedade como a nossa, pautada pelo “produtivismo e consumismo”, na qual o jovem é seu principal modelo, há uma estigmatização da velhice ligada a não aceitação de corpos que evidenciam a passagem do tempo e a proximidade da morte.

9 - Redes da vida: uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte

Gilzete Passos Magalhães, Giselli Renata Gonçalves, Glaucia Sawaguchi, Sheila Taba e Durval Luiz de Faria

Este grupo de psicólogos ligados ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP e ao Grupo de Estudos Junguianos, abordam neste trabalho as questões das fases do envelhecimento e da morte no processo de individuação à luz da teoria de Jung e dos pós-junguianos. Realizaram um estudo imagético e bibliográfico do envelhecimento e da morte. O trabalho revela a relação entre as imagens relativas à morte e ao processo de individuação, evidenciando a necessidade de que este tema tabu na nossa sociedade seja vivenciado de forma criativa e significativa, “algo sintetizado pelo próprio Jung na frase ‘morrer com vida’”.

10 - Envelhecimento e morte na concepção dos idosos e profissionais de Enfermagem: uma revisão integrativa

Fátima Helena Espírito Santo e Bárbara da Silva e Silva Cunha

As autoras, pertencentes à Escola de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), apresentam uma reflexão sobre concepções do envelhecimento e da morte para os idosos e as perspectivas dos profissionais da saúde sobre esses temas. Buscaram na Biblioteca Visual em Saúde (BVS) evidências para os descritores: “morte; morte e idoso; morte e tanatologia; morte e envelhecimento”. Este levantamento permitiu a análise dos artigos científicos encontrados e que foram incluídos em categorias: abordagem do envelhecimento e morte para o idoso; finitude humana; a morte e o morrer para profissionais da Enfermagem. O texto dá conta da variedade das atitudes diante do envelhecimento e da finitude e busca explicar esse fato.

11 – A questão da morte nas Instituições de Longa Permanência para Idosos

Katia Cherix e Maria Júlia Kovács

As autoras deste artigo, psicólogas e ligadas ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) reconhecem a morte como tabu a ser evitado mesmo na velhice, e apontam que nas ILPI há mais preocupação com a prestação de cuidados biomédicos do que em perceber os idosos aí residentes como sujeitos de direito e de desejo. As autoras consideram que há pouco

amparo e pouco espaço de interlocução para lidar com as perdas, provocando prejuízos para a saúde mental e a qualidade de vida dos idosos residentes. Apontam para a necessidade de “educação para a morte”, de modo a trazer mais sentido e dignidade ao envelhecimento.

12 – As representações da morte e do luto no ciclo de vida

Henrique Salmazo-Silva, Mariana Nakajo Zemuner, Pedro Henrique da Silva Rodrigues, Tatiane Barbosa de Andrade, Vanilda Martiniano e Deusivania da Silva Falcão

O grupo de autores, ligados à EACH da Universidade de São Paulo, realizou pesquisa qualitativa, tomando a Morte e o Luto como temas de entrevistas e desenhos. Trabalharam com 22 pessoas de diferentes grupos etários: crianças, adultos jovens, adultos de meia idade e adultos idosos. As crianças elaboraram desenhos e os demais foram entrevistados. Os autores destacam a heterogeneidade das respostas em cada um dos conjuntos etários: para as crianças, a morte apareceu relacionada à violência urbana e à transgressão de normas sociais; para os jovens adultos as noções de perda de transcendência definiram luto e morte; adultos de meia idade focaram o luto e o respeito ao processo de luto, tratando morte como finitude; os idosos focaram a questão da própria finitude.

13 – Idosas viúvas: da perda à reorganização

Milena Yuri Suzuki, Thais Lima Bento da Silva e Deusivania Vieira da Silva Falcão

As pesquisadoras, filiadas ao curso de Gerontologia da Universidade de São Paulo, apontam a viuvez feminina como uma situação ligada à maior longevidade das mulheres quando comparada à dos homens. A perda do companheiro gera inúmeros sentimentos negativos e exige mudanças diversas (de identidade, econômicas, de status). As pesquisadoras alertam para a necessidade de compreender o processo de luto e as estratégias de enfrentamento dessas questões.

14 – Superando a viuvez na velhice: o uso de estratégias de enfrentamento

Thaisa Gapski Pereira Galicioli, Ewellyse Suely de Lima Lopes e Doris Firmino Rabelo

As pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia também tomam a viuvez como tema de pesquisa e reflexão. Reconhecem que há aí não apenas a perda do cônjuge, mas a ruptura de todos os aspectos da vida dos sobreviventes. Realizaram investigação com 30 viúvos idosos, evidenciando que há, tanto entre homens como entre mulheres, um forte recurso à religião como estratégia de enfrentamento.

15 – O despertar das competências profissionais de acompanhantes de idosos em cuidados

paliativos

Beatriz Aparecida Ozello Gutierrez e Thabata Cruz de Barros

Este artigo de pesquisadoras ligadas ao Curso de Gerontologia da USP-SP, apresenta uma reflexão sobre os cuidados paliativos e sua importância para a saúde pública brasileira. O artigo aponta as competências profissionais necessárias aos acompanhantes de idosos que recebem cuidados paliativos e dá atenção à filosofia que embasa tais procedimentos. Realizaram entrevistas com profissionais de uma Unidade de Referência à Saúde do Idoso (URSI). Sua avaliação mostra o despreparo desses profissionais no que tange aos cuidados paliativos.

16 – Eutanásia: idosos de classes socioeconômicas D/E aceitariam ou permitiriam para membros de suas famílias?

Diego Fraga Rezende, Gabriela Nunes Oliveira, Lucy Gomes e Isabel Borges dos Santos

O oportuno artigo deste grupo ligado à Universidade Católica de Brasília se debruça sobre o controverso tema da eutanásia, tendo escuta a 75 idosos sobre sua permissão, ou não, a respeito da aplicação da eutanásia a seus familiares.

17 - Sussurros ao falar a morte: a significação da morte na senescência

Alba Sandra Alencar da Silva

Da Universidade Católica de Brasília vem este artigo em que a autora visa a promover o diálogo entre o pensar a morte e a compreensão da finitude humana, não em caráter pessimista, mas com o anseio de propor uma senescência bem sucedida. A partir do entendimento dos significados atribuídos à sua precibilidade, o homem, em sua condição universal e singular, busca uma existência autêntica. Mesmo quando a pessoa cultiva valores espirituais, conceitos tais como a imortalidade da alma, não afastam o medo da morte.

18 - Sobre a morte e o morrer: Um espaço de reflexão

Ana Maria Yamaguchi Ferreira e Katia da Silva Wanderley

As autoras, ligadas ao Hospital do Servidor Público Estadual “Francisco Morato de Oliveira” (HSPE), São Paulo (SP), Brasil, discutem conceitos e ideias sobre a Tanatologia e os Cuidados Paliativos, ciências essas que tratam dos assuntos da morte e do processo de morrer, visando a ampliar as teorizações já existentes a esse respeito, de modo a auxiliar tanto o público leigo como os profissionais de saúde a poderem lidar com as temáticas da morte e do morrer de forma mais humanizada e próxima, como condições que dizem a respeito a cada ser humano.

19 - Representação da morte: concepções a partir de experiências de vida de idosas usuárias do PSF
Márcia Andrea Rodrigues

A autora, filiada à Universidade Federal de Goiás, objetiva abordar, neste artigo, a relação existente entre morte e envelhecimento a partir da vivência de três idosas cujo reconhecimento da morte segue modelos distintos. Sua pesquisa mostrou que, apesar de as idosas partilharem da condição amplamente difundida da melhor idade, a representação, os sentidos acerca da morte passam por momentos distintos, dependendo da história de vida dos sujeitos: a morte pode ser benéfica, trazida como um bom acontecimento; também promove um novo sentido para a vida; e, por fim, tem-se um elemento para a negação e o afastamento total dessa problemática na atual gestão da velhice ativa.

Maria Helena Villas Bôas Concone – Editora do volume - Antropóloga. Docente, Pesquisadora dos Programas de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e em Ciências Sociais da PUC-SP.

E-mail: treconcone@yahoo.com.br